

Durante 25 anos o império de Raymond Patriarca, da Cosa Nostra, alastrou-se absoluto pelo Nordeste dos Estados Unidos. Mas o *Padrone* cometeu um erro fatal

Morte na Família

TOM RENNER

“O ESCRITÓRIO” fica no alto de Federal Hill, numa via de trânsito intenso, a cavaleiro do centro de Providence, no Estado de Rhode Island. As janelas são tapadas por cortinas, e raramente alguém o ocupa. No andar térreo uma mercearia anuncia lingüiça italiana.

Por mais de um quarto de século “O Escritório” foi o centro de um império da Casa Nostra que se espalhou por quatro Estados americanos, controlando jôgo, agiotagem, assassinatos, extorsões e usurpação de negócios. Mas isso acabou. Seu chefe, Raymond Loreda Salvatore Patriarca, está cumprindo pena de prisão por conluio em um assassinato. Cerca de 50 dos 75 principais membros e associados do grupo estão ou mortos, inativos, presos sob julgamento ou se tornaram alcagües

de organizações policiais. A Cosa Nostra está nas últimas.

Que aconteceu? Como foi súbitamente demolida uma família do crime, antes considerada um dos grupos mais unidos da Cosa Nostra? Raymond Patriarca está no centro dos acontecimentos.

Patriarca nasceu em Worcester, Massachusetts, a 17 de março de 1908, filho de imigrantes trabalhadores. Até aos 17 anos foi mantido longe de complicações por seu pai diligente e pela mãe profundamente religiosa. Mas em 1925 morreu o pai, e meses depois Patriarca foi prêsso e condenado por violar a Lei Sêca em Connecticut. Nos 13 anos seguintes conseguiu uma ficha que incluía arrombamento, plano de fuga de uma prisão, na qual foram mortos um guarda e um conselheiro do estabelecimento, e le-

nocínio. Ao que tudo indica, também adquiriu importância considerável na Costa Nostra. Em 1938, condenado à pena de três a cinco anos por assalto à mão armada, em Massachusetts, cumpriu apenas 84 dias, tendo conseguido um perdão que deu lugar a um escândalo que abalou todo o Estado.*

Pôsto em liberdade, Patriarca agiu com rapidez para se tornar membro destacado da Cosa Nostra. Quando Philip Buccola, então rei do crime da área de Rhode Island e Massachusetts, resolveu voltar à sua Sicília, Patriarca assumiu o controle. Nessa época, sua família do crime era um pequeno grupo que baseava seu poder em extorsão, jogo, contrabando de bebida e outras atividades ilegais de menor monta. Segundo os investigadores e a polícia, Patriarca logo alterou tudo isso, transformando a organização em um império que acabou arrecadando aproximadamente 700 milhões de dólares por ano.

O primeiro ato importante de Patriarca como chefe, com sua pele áspera e seu charuto, foi apoderar-se do sistema telegráfico para apostas clandestinas, eliminando do negócio os bookmakers independentes. Um homem ousou desafiá-lo. Carl-

*Na investigação que se seguiu, que durou três anos, verificou-se que o pedido de perdão fora ilegal. O alto funcionário estadual que o concebera, Daniel H. Coakley, teve o seu mandato cassado, não podendo mais exercer cargo público.

ton O'Brien, que já operava um certo número de salões de apostas em Rhode Island, montou a sua própria rede telegráfica e começou a filtrar informações para os competidores de Patriarca. O'Brien pagou por essa rebeldia: em 1952 foi derubado por uma saraivada de chumbo de caça.

Segundo depoimento do Coronel Walter Stone, chefe da polícia estadual de Rhode Island, perante a comissão do Senado americano que investigava a extorsão, Patriarca e seu irmão Joseph voltaram-se então para o negócio das máquinas de vender. Assaltavam os caminhões dos concorrentes e ameaçavam os comerciantes que relutavam em aceitar as máquinas da quadrilha. Recordando-se de O'Brien, poucos resistiam e ninguém dizia nada. Rhode Island se tornou área exclusiva de Patriarca.

Depois foi a vez de Massachusetts, e aí Patriarca demonstrou realmente sua capacidade como administrador. Historicamente, o crime em Massachusetts era controlado por irlandeses. Dando-lhes acesso aos recursos ilimitados da Cosa Nostra, Patriarca conseguiu a aliança de bandos irlandeses, assim como judeus, gregos, sírios, libaneses, portugueses, alemães e ainda os veteranos criminosos naturais da região. Todos pagavam tributos a Patriarca; mas todos, em compensação, recebiam apoio que elevava acentuadamente os respectivos ganhos, resguardava suas zonas de

ação e subornava políticos e policiais.

Embora fugisse à melhor tradição da Cosa Nostra, o arranjo funcionava e dava lucros. Então, em 1961, começava uma série de guerras entre os bandos irlandeses, provocadas por uma "questão de honra"—uma môça—e Patriarca viu uma oportunidade de ouro para que sua família do crime dominasse completamente a área. Em sua arrancada para o poder, o cúpido senhor do crime cometeu o primeiro êrro grave.

Em tôda parte a Cosa Nostra sempre recorreu a homens da própria organização para impor-se pelo medo. Desafortunadamente, durante o quarto de século em que construiu o seu império, Patriarca não cuidou de montar uma linha de "especialistas". Viu-se então obrigado a buscar fora do seu grupo o terrorista de que necessitava para a jogada em Massachusetts. O homem escolhido foi Joseph Barboza, alcunhado "o Barão", um selvagem desordeiro de origem portuguesa, com 34 anos de idade. Patriarca iria arrepender-se desta decisão.

Barboza tinha um talento inegável. Sua corpulência e seus métodos perversos aterrorizavam os competidores. Entretanto, havia uma falha em sua armadura: sonhava ser o primeiro membro da Cosa Nostra sem vínculos com a Sicília e a Itália. E acreditava que o *Padrone*, Patriarca, concretizaria êsse sonho.

Em 1965, Barboza entrou em ação. Dentro de um ano os independen-

tes foram esmagados e a Cosa Nostra se tornou a mais poderosa fôrça do crime na Nova Inglaterra. Entretanto, a 6 de outubro de 1966, Barboza e três comparsas foram detidos pela polícia de Boston, que descobriu um verdadeiro arsenal no carro dêles. A fiança de Barboza foi fixada em 100.000 dólares, mas êle não se preocupou. "O Escritório" sempre pagava. Mas dessa vez ninguém se moveu. O *Padrone* tinha resolvido que Barboza não interessava mais. (O seu desprezo pelo matador foi gravado por um aparelho do FBI discretamente colocado no Escritório.)

Barboza procurou auxílio de outros. Dois dos seus imediatos percorreram os estabelecimentos controlados pela Cosa Nostra. Quando chegaram ao Café Luz Noturna, na extremidade setentrional de Boston, já haviam coletado 70.000 dólares. Mas o café pertencia a um soldado de Patriarca, Ralph Lamattina, vulgo Ralphie Chong. Cumprindo ordens do *Padrone*, Lamattina atraiu os auxiliares a uma sala dos fundos, onde foram mortos a tiro. Um dia depois, os cadáveres apareceram em um carro estacionado na parte sul de Boston.

Quando Barboza soube que Lamattina havia assassinado seus imediatos e ficado com o dinheiro levantado para sua fiança, enfureceu-se. Foi então que dois agentes do FBI o visitaram e confirmaram que a morte dos seus homens tinha sido ordenada por Patriarca. Fizeram-no ouvir a gravação em que

Patriarca o descrevia como “um vagabundo... a ser sacrificado”. Furioso, Barboza procurou obter um trato—liberdade para êle, em troca do que podia revelar, e proteção contra os criminosos de Patriarca.

O que Barboza *cantou* logo deu lugar a denúncias contra Patriarca e mais dois, por tramarem o assassinato de Willie Marfeo, banqueiro de dados por conta própria, que se havia oposto ao chefão em Providence. A essa altura, tentando obrigar Barboza ao silêncio, dois soldados de Patriarca, Stephen J. Flemmi, o “Fuzilador”, e Francis P. Sallemme, o “Cadillac”, colocaram uma bomba no carro do seu advogado. A explosão arrancou as pernas do advogado John E. Fitzgerald Jr. Entretanto, ao invés de atemorizar Barboza, o incidente o transformou em uma fonte de informações—as quais êle sonegara anteriormente. Seguiram-se novas prisões.

Em dezembro de 1968, John “Red” Kelley foi denunciado pelo assalto a um carro blindado da Brinks e roubo de 542.000 dólares. Figura-chave no planejamento de assaltos à mão armada durante 20 anos, Kelley não tolerava ficar confinado. Dispôs-se a falar. As histórias que contou levaram a novas acusações contra Patriarca e outros. Em agosto de 1970, Patriarca foi condenado a 10 anos de prisão, por conluio para o assassinato de Rudolph Marfeo, irmão de Willie.

A defecção de Kelley foi logo seguida pela de Robert Daddeico,

assaltante à mão armada que identificou os responsáveis pelo atentado a bomba contra o advogado Fitzgerald. Daí em diante, outros aderiram ao festival de informações. Um agente governamental gracejou: “Chegou a ponto de precisarmos estabelecer um horário para tanta gente que desejava falar.”

Mas apesar do valor desse desfile de informantes, também membros dos bandos criminosos, a campanha contra a família Patriarca podia não ter tido êxito, não fôra a cooperação sem precedentes entre os agentes federais, estaduais e municipais em tôda a Nova Inglaterra. Uma fôrça de ataque com o comando localizado em Boston lançou centenas de agentes governamentais na refrega. Massachusetts organizou uma unidade especial de combate ao crime, reunindo promotores da polícia estadual. Finalmente, foi instalada uma agência de informações pelos seis Estados da Nova Inglaterra, a fim de controlar todo meliante de destaque na área.

Essa fôrça, trabalhando em conjunto, esmagou um império do crime. Descobriram-se fraudes em bancos; centenas de bookmakers e de agiotas foram detidos e jogados no xadrez ou multados; alguns políticos foram acusados por darem proteção, e até licenças para negócios imobiliários, a figurões do mundo do crime. Em um só ano, a fôrça de ataque promoveu 25 denúncias, envolvendo 55 réus, dos quais 24 foram condenados. O Promotor-Ge-

ral de Massachusetts, Robert H. Quinn, conseguiu, com o seu próprio grupo de repressão ao crime, acumular detenções de mais de 100 pessoas, inclusive membros de uma junta estadual de licenças para operações imobiliárias, bookmakers e funcionários de bancos comprometidos em uma trama para usar 500.000 dólares de fundos bancários em agiotagem.

E assim continua a desintegração

da família criminal de Patriarca. Muitos de seus participantes, ainda em liberdade, preferiram impor-se uma aposentadoria, para não enfrentarem o calor da lei. "A família", diz o Assistente de Procurador dos Estados Unidos, Edward F. Harrington, "foi demolida. Pode surgir um novo grupo para preencher o vazio. Jamais, porém, será tão poderoso quanto aquele que Raymond Patriarca chefiava."



Nota Promissória

EM 1915 meu pai, que emigrara do Tirol para o Alasca, recebeu seus papéis de cidadania de um juiz federal americano. Enquanto pôde, nunca deixou de votar em eleição alguma. Há pouco tempo encontrei aqueles papéis. Junto encontrei um cartão amarelado com os seguintes dizeres:

Cada direito que é concedido a você por seu país livre implica um dever correspondente.

Prometem-nos a busca da felicidade. Não nos prometem a felicidade.

Prometem-nos a igualdade de oportunidade. Não nos prometem a fortuna.

Prometem-nos a liberdade de palavra e de pensamento. Não nos prometem a sabedoria.

Prometem-nos a liberdade. Não nos prometem a paz.

—"Editor's Notebook", em *Star-Free Press*, Ventura County, Califórnia

A NATUREZA não exige que sejamos perfeitos. Exige apenas que cresçamos.

—Joshua Loth Liebman, *Hope for Man* (Simon and Schuster, ed.)

LEMA DE uma agência de publicidade de Nova York: "Se fôssemos modestos, seríamos perfeitos."

—Walter Carlson, em *Times* de Nova York

A CIÊNCIA moderna ainda está tentando produzir um tranqüilizante que seja mais eficaz do que algumas palavras bondosas.

—Douglas Meador, em *Tribune* de Matador, Texas, citado por Kerwin Hoover em *Times* de Los Angeles